

## DESTAQUE

CARVALHO, Joaquim Félix de, **Pontifical de luxo brácaro-romano. Ms. 870 do Arquivo Distrital de Braga [1485-1516]**, Pedra Angular, Lisboa, 2010, 1128 p., 210 x 150, ISBN 9789899711907.\*

Foi da melhor vontade que anuímos ao convite para apresentar o *Pontifical de Luxo Brácaro-Romano: Ms. 870 do Arquivo Distrital de Braga [1485-1516]*, da autoria do Sr. Prof. Doutor Cónego Joaquim Félix de Carvalho, que já tínhamos lido, integralmente, para elaborar o breve prefácio que acompanha a versão impressa. Esta nova oportunidade que nos foi concedida, além de permitir retomar algumas ideias então expostas, constituiu uma excelente possibilidade de ampliarmos e esclarecermos conceitos e situações históricas importantes, que, no referido prefácio, se impunha condensar, mediante um claro esforço e desejável espírito de síntese.

Sem mais delongas e pensando, sobretudo, em quem não teve ainda um contacto directo com esta obra, de 1128 páginas, que ostenta um título, à primeira vista, um pouco surpreendente – *Pontifical de Luxo Brácaro-Romano: Ms. 870 do Arquivo Distrital de Braga [1485-1516]* – diremos que se trata do vasto e excelente estudo, elaborado pelo Cónego Joaquim Félix, a partir de uma importante fonte manuscrita da liturgia bracarense, conservada no Arquivo Distrital de Braga, apresentado, como tese ou dissertação de doutoramento ao Pontifício Instituto de Santo Anselmo de Roma, aí defendida com pleno êxito, tendo obtido a mais elevada classificação – «*summa cum laude*» –, equivalente, em Portugal, a «*com distinção e louvor*».

A apresentação de qualquer obra, mais do que anunciar a sua publicação e presença no mercado livreiro, deve dar a conhecer o essencial do respectivo conteúdo e, na medida do possível, estimular os ouvintes e os outros potenciais interessados à sua leitura e minuciosa análise. É precisamente esse o objectivo das considerações seguintes, destinadas a proporcionar uma visão de conjunto sobre esta extensa, profunda e apaixonante obra e um empenhado convite à sua leitura.

Nestas circunstâncias, passamos a responder à pergunta que, eventualmente, alguns dos presentes poderão estar a formular no seu espírito:

– *Que obra é esta?*

---

\* Publicamos neste lugar a apresentação, pelo signatário deste texto, do *Pontifical de Luxo Brácaro-Romano: Ms. 870 do Arquivo Distrital de Braga [1485-1516]* do Prof. Doutor Cónego Joaquim Félix de Carvalho, em 29 de Junho de 2011, no Auditório de S. Frutuoso, em Braga.

De forma muito simples, podemos afirmar que esta obra, é muito mais do que a edição crítica do antigo pontifical bracarense, conservado no Arquivo Distrital de Braga, sob a cota Ms. 870, pois constitui uma revisão da história do *rito* ou *costume bracarense*, integrada nos diversos contextos histórico-culturais que o mesmo atravessou, ao longo dos séculos. Esta visão de conjunto, indispensável para a análise interna desta fonte litúrgica bracarense, realizada pelo Doutor Joaquim Félix, numa base intensamente comparativa, agora publicada e ao alcance de todos, é, ao mesmo tempo, um vigoroso contributo para a clarificação de alguns aspectos da liturgia bracarense, cuja amplitude não tinha sido possível captar, desconhecimento grave, que está na base de situações lamentáveis que, há décadas, ensombraram a vida diocesana, aspecto a que possivelmente voltaremos mais à frente.

Antes de prosseguirmos, impõe-se esclarecer o título da obra: *Pontifical de Luxo / Brácaro-Romano: Ms. 870 do Arquivo Distrital de Braga / [1485-1516]*, que revela as três grandes partes que a integram, e passamos a explicitar para todos sabermos de que se está a falar:

– *Pontifical* – trata-se do livro, essencialmente, constituído pelos textos das missas e bênçãos, utilizados nas celebrações presididas pelo Arcebispo (*pontífice*), ao longo ano litúrgico;

– *de luxo* – porque, mercê do cuidado e atenção postos na escolha dos elementos materiais utilizados na estrutura deste códice e da qualidade e esmero ou, mesmo, requinte, com que foram executadas a escrita, a decoração e a própria encadernação, bem merece ser classificado obra de *luxo* e colocado ao nível de outros, de idêntica qualidade, espalhados por sés e arquivos, nacionais e estrangeiros;

– *brácaro-romano* – esta designação destina-se a indicar aos leitores, de forma imediata, a génese do seu conteúdo, que se insere nas duas fontes tradicionais específicas da liturgia de Braga, que é, sem dúvida, uma glória multissecular da nossa Arquidiocese, isto é, o fundo local, autóctone e os elementos recebidos da tradição romana;

– por fim, a data crítica, compreendida entre [1485-1516], traduz a conclusão a que o Autor chegou, após um intenso trabalho de análises comparativas, para situar cronologicamente, a origem desta importante fonte litúrgica, infelizmente, não datada.

Foi este livro da liturgia bracarense que o P. Joaquim Félix escolheu como tema da sua dissertação de doutoramento, com plena consciência de que não se tratava de um códice desconhecido, pois, além da atenção que António Ribeiro de Vasconcelos (sacerdote, prof. na Univ. de Coimbra) e o P.º Joaquim Oliveira Bragança – a quem os estudos litúrgicos e a Arquidiocese de Braga muito devem – lhe tinham prestado, também o próprio P. Joaquim Félix já tinha mantido um importante diálogo com esta fonte documental, desde o tempo da preparação da tese de licenciatura. Agora, porém, as exigências eram outras e a experiência adquirida na preparação do trabalho de licenciatura impunham a realização de um estudo de conjunto deste códice, que lhe permitisse integrar os contributos positivos e corrigir eventuais fragilidades ou mesmo deficiências detectadas nos estudos parcelares acima referidos, projecto que deu origem à presente obra, que enriquece o panorama editorial português, mas, sobretudo, permite uma visão mais objectiva e exacta da história da liturgia bracarense.

1. – Tendo orientado, desde o início, a sua investigação para a publicação e a análise do conteúdo desta fonte litúrgica bracarense, o Autor procedeu, sistematicamente, ao seu estudo crítico, começando, como se impunha, pelas estruturas materiais do plano codicológico, onde merecem especial relevo a pormenorizada descrição da encadernação, a análise da estrutura dos fascículos deste códice, – genericamente, designados *cadernos* –, sem perder de vista a conhecida regra de Gregory, estrutura clarificada pela correspondente representação gráfica dos mesmos, bem como o sistema de armação da página – na terminologia codicológica francesa dita *mise en page* – com tudo o que ela implica, mormente o esquema de regragem, atento e flexível, quanto às páginas destinadas a receberem integral ou parcialmente textos, notação musical ou iniciais decoradas, e, obviamente, a apreciação da fina qualidade do suporte da escrita, isto é, do pergaminho, considerado de origem *ovina*. Em relação a este último aspecto, convém anotar que algumas folhas deste fino pergaminho apresentam rasuras, logo reescritas e, assim, parcialmente, convertidas em autênticos *palimpsestos*, tendo a difícil leitura dos textos primitivos proporcionado ao Autor gratificantes informações. A acentuar o rigor desta descrição, anatem-se ainda as menções feitas ao estado de conservação do códice, que, apesar de ligeiros estragos, provocados na encadernação pela ação de agentes biológicos, da descolagem de uma ou outra folhas e das suturas das rupturas, originadas durante a preparação do pergaminho ou mesmo antes, se pode considerar bom.

À escrita, na terminologia latina internacional, designada *textualis*, mas que, de forma mais acessível aos leitores portugueses, podemos classificar como *humanística librária*, dedicou o Autor uma minuciosa e exaustiva análise paleográfica, que muito ficou a dever aos actuais recursos informáticos. Assim, além da revelação das diferenças, por vezes mínimas, observadas nas formas maiúsculas e minúsculas das letras do alfabeto, dos nexos ou ligaduras entre letras diferentes ou geminadas, percorreu os diversos processos que, neste caso, integram o sistema braquigráfico ou de abreviaturas e os sinais de pontuação, ilustrando-os com reproduções gráficas, recolhidas no *fac-simile*, reproduzido, na parte final da dissertação, imediatamente antes da conclusão geral.

Na sequência deste criterioso estudo paleográfico, Joaquim Félix passou à verificação e explicação técnica e científica das alterações linguísticas, incluindo os próprios erros, ocorridos no texto latino, tendo reservado a parte final deste primeiro capítulo para algumas considerações sobre os dois níveis de decoração, patentes no códice em estudo. Neste sector, prestou particular atenção às iniciais e respectivos enquadramentos filigranados // *miniados*, sendo de menor expressão os entrançados, cruces, caldeirões, etc., apesar da perfeição dos desenhos e da qualidade das cores utilizadas.

Por fim, elucida-nos, em pormenor, sobre as numerosas rasuras e as leituras da primeira e da segunda escritas, esclarecendo, ainda, que o texto do pontifical é de uma única mão, ficando, contudo, em aberto as hipóteses relativas à decoração.

Suspendemos as informações relativas ao primeiro capítulo desta obra com a observação de que a extensa descrição codicológica e a análise paleográfica, sumariamente referidas, conferem-lhe uma especial dimensão técnica, que nos apraz registar.

2. – O segundo capítulo é constituído por um sugestivo estudo histórico da Liturgia de Braga, desde o segundo quartel do século VI, em que as preocupações pastorais do metropolitano Profuturo o levaram a consultar o Papa Silvério, em 537, sobre assuntos candentes de ordem teológica, litúrgica e disciplinar – nomeadamente, acerca de *doutrinas pricilianistas, da tríplice imersão no rito baptismal, da iteração do baptismo pelos arianos, da bênção das igrejas restauradas, e a data da Páscoa* – sobre os quais carecia da orientação segura do Romano Pontífice, que, entretanto, faleceu. A esperada resposta chegou-lhe, da parte do seu sucessor, o Papa Vigílio, com data de 19. 06. 538<sup>1</sup>, tendo ficado como a primeira marca ou impressão da liturgia romana na bracarense, convindo observar que esta carta foi evocada, lida e, unanimemente, assumida no I Concílio de Braga, de 561.

Não é possível acompanhar aqui a riqueza informativa aduzida pelo Doutor Joaquim Félix acerca dos diversos períodos abordados, ao longo dos catorze séculos por ele percorridos neste estudo, convindo, no entanto, anotar que no primeiro – que bem se pode considerar fundacional –, delimitado pela mencionada consulta do arcebispo Profuturo (537) e pela reunião do IV Concílio de Toledo (633), não obstante as conhecidas e prolongadas discussões teológicas de então, à luz das orientações da carta do Papa Vigílio e das disposições do I Concílio de Braga, foi possível consolidar a doutrina e a liturgia da Eucaristia e a do Baptismo, com a integração da tríplice imersão.

Nos tempos seguintes, após a anexação do reino suevo pelos visigodos, em 585 e, sobretudo, nos conturbados tempos da dominação árabe e o longo confronto dos reinos cristãos do Norte da Península com os dominadores da restante Ibéria, assistiu-se ao desenvolvimento da liturgia hispânica em diversos sentidos, até que, em 1080-1085<sup>2</sup>, se documentam os primeiros sintomas da presença da liturgia romana, no âmbito da antiga diocese de Braga, restaurada em 1071. Durante os primeiros anos da restauração da Diocese e da progressiva organização paroquial, acrescida do entusiasmo existente em torno da construção da Sé, bem patente nas inúmeras doações transcritas no *Liber Fidei*, a liturgia hispânica aqui seguida teve uma fase de desenvolvimento verdadeiramente notável.

Os testemunhos documentais da presença de textos da liturgia romana dentro do território diocesano bracarense está, sem dúvida, relacionado com a chegada dos primeiros monges beneditinos cluniacenses, que por toda a parte foram os grandes difusores da *Reforma gregoriana* e da liturgia romana, como poderoso elemento de coesão em torno do Romano Pontífice, a braços com o desenvolvimento da conhecida *Questão das investiduras*, de repetidas consequências nefastas no contexto bracarense, concretizadas nas deposições do bispo D. Pedro (1092) e do arcebispo D. Maurício Burdino (1118)<sup>3</sup>. Em relação ao declínio e subsequente abolição da liturgia hispânica, apesar da anunciada

---

<sup>1</sup> BRAGANÇA, Joaquim Oliveira – A Carta do Papa Vigílio ao Arcebispo Profuturo de Braga, in *Bracara Augusta*, 21, Braga, Jan.-Dez., 1967, pp. 65-91.

<sup>2</sup> MATTOSO, José, Data da introdução da liturgia romana na diocese de Braga, in *Ora et Labora. Revista Litúrgica Beneditina*. Ano X, n.º 3, Mosteiro de Singeverga, 1963, pp. 135-144. Cf. Docs. de Alpendorada e S. Mateus de Soalhães).

<sup>3</sup> Cf. ERDMANN, Carl, *O Papado e Portugal no primeiro século da História Portuguesa*, Coimbra, 1935 (Braga, 1996), pp. 29-30.

presença inicial do rito romano, entre 1080-1085, a deposição do bispo D. Pedro abriu caminho ao avanço dos partidários da introdução da liturgia romana, durante o período de *sede vacante* (1092-1099), que ganhou novo fôlego com a subida de D. Geraldo ao sólio bracarense, agora exornado com o reconhecimento da dignidade metropolítica, cuja recusa já tantos males tinha causado na vida diocesana. Por sua vez, D. Geraldo, convicto partidário da implantação do monaquismo beneditino cluniacense – em que, gradualmente, se iriam filiar as comunidades monásticas autóctones ou de tradição frutuosiense –, da introdução da *Reforma gregoriana* e de liturgia romana, foi, ao mesmo tempo, o maior adversário da sobrevivência da liturgia hispânica, como se pode concluir da consulta feita ao Romano Pontífice acerca da validade das ordens sacras conferidas segundo o rito hispânico<sup>4</sup>.

O período decorrente entre 1092 e 1108 – deposição do bispo D. Pedro e morte de D. Geraldo – assinala a *agonia e supressão* oficial da liturgia hispânica e a *afirmação da liturgia romana*, que teve muitos obstáculos a vencer na sua longa caminhada, sendo um dos mais graves a falta de livros, que urgia mandar copiar para responder às necessidades do clero e das comunidades espalhadas pela cidade de Braga e por toda a Arquidiocese.

Além do conhecido *Missal de Mateus* (1130-1150), proveniente de França, houve outros anteriores, de matriz romana, como revelam os fragmentos de um missal idêntico a este, em escrita carolina, que nas primeiras décadas do século XII, se ia afirmando no Condado Portucalense, com vestígios da visigótica redonda, patentes nas letras *t*, *g* e em algumas abreviaturas de *et*<sup>5</sup>.

Apesar desta imperiosa necessidade, não foi possível dispensar radicalmente a totalidade dos livros escritos em letra visigótica, alguns dos quais figuram em inventários paroquiais do século XV, que já tivemos oportunidade de publicar<sup>6</sup>.

Este período de mudança litúrgica a que nos estamos a referir foi decisivo na afirmação da liturgia romana, que, afinal, está na base do que vulgarmente se designava liturgia bracarense. Esta nova realidade litúrgica foi, atentamente, estudada pelo Doutor Joaquim Félix de Carvalho nesta obra, tendo demonstrado e acompanhado a sua coesão até ao segundo quartel do século XVI (1537/38), situando-se também nesses três séculos e meio as fontes da liturgia bracarense, objectos dos mais importantes estudos que precederam a edição que

---

<sup>4</sup> *Liber Fidei Sanctae Bracarenensis Ecclesiae*. Edição crítica pelo P.<sup>e</sup> Avelino de Jesus da Costa, tomo I, Braga, 1965, n.º 8: – «*Pascalius episcopus servus servorum Dei. Dilecto fratri Geraldo Bracharensi archiepiscopo salutem et apostolice (sic) benedictionem. Eos qui secundum Toletanum morem ante Romane consuetudinis cognitionem ad diaconatus seu presbiteratus officium proveci sunt, si alias digni fuerint, ab eisdem oediniibus minime removemus*».

<sup>5</sup> BRAGANÇA, Joaquim O., Fragmento de um Missal de Braga do século XII, in *Theologica*. U.C.P. Faculdade de Teologia – Braga, II Série. Vol. 38 (2), 1993, pp. 375-389.

<sup>6</sup> MARQUES, José, O Arcebispo D. Jorge da Costa e os primórdios da imprensa em Portugal. Separata de *Forum*, Biblioteca Pública de Braga, 1988, pp. 9-10, Exemplificando, diremos que no inventário de S. Tomé de Travassos (Fafe), datado de 13 de Junho de 1401, se lê: – «*Item huum salteiro velho frances*» (p. 9) e que no de S. Miguel das Marinhas, de 16 de Setembro de 1419, consta o seguinte: – «*Item disse Stevam Stevez capelam que avia na dicta igreja dous salteiros huum francês e outro galego (= visigótico) e que ell tinha o galego e Roi Martinz abade que foy da dicta igreja tinha o outro*» (pp.9-10).

estamos a apresentar, nomeadamente, sobre o *Missal de Mateus*<sup>7</sup>, o *Breviário de Soeiro*<sup>8</sup> e este *Pontifical*<sup>9</sup>.

Durante esse longo período, surgiram também outras fontes importantes, que aguardam quem se disponha a estudá-las: pontificais dos séculos XII e XIII, *Diurno bracarense*, os breviários manuscritos: o adquirido em Londres pelo P. Avelino Costa, o do Fundo Azevedo 81, da B. P. Municipal do Porto, o da Biblioteca do Mosteiro de S. Lourenço do Escorial (1475), e, sobretudo, as fontes impressas: *Breviário* de 1494, o *Manual* (ritual) de 1496 e o *Missal* de 1498, sendo desnecessário enumerar as conhecidas edições que ficámos a dever a D. Diogo de Sousa, entre 1511 e 1529.

A par desta realidade, surpreendida e justificada, o Autor traça o ambiente histórico-cultural, integrando também outros aspectos de natureza jurídica, com reflexos no plano litúrgico, decorrentes de sínodos e respectivas *constituições*, sem esquecer os efeitos positivos da difusão da imprensa e do humanismo renascentista que proporcionaram uma abertura e circulação humanas e culturais, a que o Doutor Joaquim Félix esteve particularmente atento, ao longo da sua investigação.

Ao longo dessa bela síntese histórica dos caminhos da liturgia bracarense, o Autor teve sempre presentes duas preocupações: determinar a génese e a data do Pontifical, objectos do seu estudo, que a partir de 1537, adquiriu nova dimensão.

Com efeito, tendo-se quebrado, neste ano, a unidade ritual, permitida pelas *Constituições* de 1537, quanto à possibilidade de usar o breviário bracarense ou o romano, até então reiteradamente procurada, e, no ano seguinte, a mencionada fidelidade na transmissão dos textos, com a opção no missal de Braga, de 1538, (de D. Jorge de Almeida / Infante D. Henrique), pelo *ordo missae* do *Manuale* (ritual) *secundum consuetudinem alme Colymbriensis ecclesie*, de 22 de Maio de 1518, em circunstâncias que o Autor detectou e explicou pela primeira vez, numa perspectiva diacrónica, abriu-se-lhe uma nova área de investigação.

A tendência romanizante acentuou-se com as edições do *Breviarium bracharense*, de 1549, e do *Missale bracarense*, de 1558, bastando observar, quanto a este Missal, que além de ter introduzido diversas particularidades, como a Ave Maria, no início, e outras quanto à preparação do cálice, etc., os organizadores serviram-se do *Missale salmanticense*, de 1533, verificações que lhe ampliaram o campo de investigação, entre outros, aos processos das futuras edições dos livros litúrgicos de Braga até à actualidade, incluindo o missal bracarense de 1924, continuando atento às determinações do Vaticano II.

As perturbações introduzidas no missal de 1538 foram agravadas pelas da edição de 1558, a ponto de o Prof. Joaquim Oliveira Bragança afirmar que esta, impropriamente, dita reforma, não fez mais do que «*trastornar e subverter uma tradição com mais de três*

<sup>7</sup> *Missal de Mateus. Manuscrito 1 000 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga. Introdução, leitura e notas de Joaquim O. BRAGANÇA, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.*

<sup>8</sup> ROCHA, Pedro Romano, *L'Office Divina u Moyen Age dans l'Église de Braga. Originalité et dépendences d'une liturgie particulière au Moyen Age*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian. Centro Cultural Português, 1970.

<sup>9</sup> CARVALHO, Joaquim Félix de, *Pontifical de Braga do século XV (Manuscrito 870 do Arquivo Distrital de Braga). Introdução e edição semicrítica da secção das missas. Pro manuscripto*, Romae, 2004.

séculos de vida», não hesitando, mesmo, utilizar o verbo «abastardar» para classificar o resultado desta pretensa reforma<sup>10</sup>.

A concretização desta nova perspectiva de trabalho, aberta pela necessidade de determinar a génese ou procedência dos novos elementos detectados nos formulários destas novas edições, implicou a consulta de numerosos missais romanos impressos, dos finais do século XV e, sobretudo, da primeira metade de *Quinhentos*, não só de Ordens Religiosas, mas também e sobretudo das dioceses hispânicas, detentoras de missais próprios, que o obrigaram a percorrer mais de 10.000 km, permitiu-lhe apurar a já referida dependência dos missais bracarenses de 1538 e 1558, respectivamente, das seguintes fontes romanas: o Manual (ou ritual) conimbricense, de 1518, e o Missal de Salamanca de 1533, e que o de 1924 depende do romanizado de 1558, cuja edição se ficou a dever à iniciativa e aos esforços de D. Frei Baltasar Limpo.

E não admira que este missal de 1558 tenha continuado a exercer grande influência em edições futuras bracarenses, pois, no exemplar impresso em pergaminho, D. Frei Bartolomeu do Mártires deixou uma nota autógrafa ordenando a sua guarda no Arquivo para servir de modelo a futuras edições<sup>11</sup>, já que, entretanto, as outras dioceses da Província optaram, definitivamente, pelo rito romano<sup>12</sup>.

Estas são breves amostras do resultado deste criterioso estudo sobre a génese de algumas fontes da liturgia bracarense, convenientemente integradas no contexto histórico-cultural, que o Autor analisou e teve presente, na expectativa de surpreender elementos que lhe permitissem uma aproximação à data do *Pontifical*, objecto de tão vasta e minuciosa investigação. Após longo cotejo da importante fonte litúrgica bracarense, que é o *Ms. 870*, com outras similares, inclusive, do século XV, (em Roma e nos arquivos e catedrais de Espanha), teve a satisfação de verificar e esclarecer a sua dependência do *Pontificale romanum*, organizado por ordem de Inocêncio VIII, a fim de banir as divergências, então correntes nas celebrações episcopais, publicado em Roma, em 20 de Dezembro de 1485.

Foi esta clara dependência do *Pontificale romanum*, impresso em 1485, que permitiu ao Doutor Joaquim Félix classificar de híbrido o Pontifical bracarense por ele estudado.

Mesmo não se podendo determinar quanto tempo depois foi elaborado o códice bracarense, *Ms. 870*, esta data tem de ser tomada como termo *a quo* da sua data crítica, com o termo *ad quem*, fixado em 1516, ano em que D. Diogo de Sousa procedeu à revisão dos

---

<sup>10</sup> BRAGANÇA, Joaquim, O., A reforma litúrgica de D. Frei Baltasar Limpo, in *III Congresso Histórico de Guimarães. D. Manuel e a sua época. 24 a 27 de Outubro de 2001, Actas. Vol. II. Igreja e Assistência*, Câmara Municipal de Guimarães, 2004, p. 197.

<sup>11</sup> B.P.B., *Res*, 71-P., *Missale juxta usum et ordinem Almae Bracharensis Ecclesiae Hispaniarum Primatis, summo studio atque diligentia noviter excusum, et multis insuper scitu dignis, ac clero pernecessariis actum*, Lugduni, 1558, fl. 1v: - «Ego Bartholomeus de Martiribus Archiepiscopus Primas iusi reponi et servari, in publico cartorio huius archiepiscopalis domus, missale hoc ex pergamento hac intensione ut extaret unum perpetuum exemplar huius tan correcti ac politi libri, iuxta quod excuderent quando opus esset bracharensia missalia futuris temporibus. 3.<sup>o</sup> Aprilis 1571. Archiepiscopus Primas».

<sup>12</sup> CARVALHO, Joaquim Félix de, *Pontifical de Luxo Brácaro-Romano*, Lisboa, Pedra Angular, 2010, p. 196.

*Estatutos* do Cabido, tendo reduzido a cinco o número de missas que o prelado deveria officiar, transferindo para o deão as missas do *Galo* e do domingo de *Ramos* e para o chantre a da *Purificação* de Nossa Senhora – 2 de Fevereiro. Embora tenha formulado diversas hipóteses tendentes a encurtar este âmbito cronológico, face às eventuais objecções que se poderiam levantar, optou por deixar o problema em aberto.

Por brevidade, dispensamo-nos de acompanhar a evolução da história das edições dos livros da liturgia bracarense até à actualidade, pois o que fica dito é o principal e indispensável para compreendermos a obra em análise.

3. – Apesar da riqueza de informações patente nos dois primeiros capítulos, o essencial deste projecto de investigação atinge o ponto culminante com o *Estudo Litúrgico* comparativo do conteúdo deste *Pontifical*, constituído pelos textos das bênçãos, missas e outros formulários inerentes às principais solenidades oficiadas pelo arcebispo de Braga, do Natal à Assunção de Nossa Senhora, com outras fontes similares, em ordem à eventual determinação de alguma influência genética, não faltando, em todos os casos, a sistemática integração no *quadro do rito bracarense*.

Neste sentido se orientaram também as aquisições decorrentes dos estudos codicológico e histórico-genético da liturgia bracarense, desenvolvidos nos dois primeiros capítulos desta dissertação.

O terceiro capítulo é, por isso, também o mais importante e complexo desta obra, não sendo possível, neste momento, dada a sua natureza, tentar analisar o respectivo conteúdo, bastando esclarecer que os resultados comparativos dos formulários do Pontifical em estudo são sintetizados nos respectivos mapas esquemáticos das fontes detectadas, sendo apoiados, em jeito de resumo, por algumas observações finais.

Como observámos, não é possível determo-nos no estudo das várias peças contidas nesta importante fonte litúrgica bracarense, que, não sendo desconhecida, teve agora a merecida projecção, no modelar estudo que lhe foi consagrado e na transcrição integral e edição crítica, cujo aparato se desenvolve em três níveis de registos – correspondentes às: referências bíblicas, fontes litúrgicas e notas históricas –, que precedem a excelente reprodução do original, em *fac-simile*, a cores, que, além das múltiplas informações oferecidas aos leitores, divulga este precioso e artístico manuscrito bracarense, que, até agora, raros teriam oportunidade de conhecer e apreciar.

É certo que por razões de ordem editorial, o *fac-simile* teve de ser reduzido às dimensões da colecção em que seria inserido, facto que não prejudicou as possibilidades de leitura e de análise dos vários aspectos decorativos e paleográficos.

Além de uma longa conclusão, em que o Autor não deixou de formular algumas perguntas, que são autênticos desafios à prossecução da investigação acerca de questões em aberto sobre a história da liturgia bracarense, é justo salientar que esta obra, além de um extenso elenco de fontes e da vasta bibliografia utilizadas, está enriquecida com um minucioso quadro sinóptico dos textos paralelos das diversas fontes confrontadas.

A tese do Doutor Joaquim Félix – que bem podemos considerar como o seu *opus magnum* – situa-se na linha de outros importantes estudos sobre a Liturgia Bracarense e a história da Arquidiocese, frequentemente por ele citados, mesmo quando as conclusões pessoais lhe sugeriram outras opções.

Apesar dos aspectos importantes que o Autor nos foi revelando ao longo do seu estudo, é importante ter presentes as seguintes conclusões:

- a liturgia de Braga é de matriz romana desde os primeiros tempos;
- não obstante o hibridismo que a caracteriza, o período mais característico e da sua maior coesão decorreu entre os princípios do século XII e 1537/1538;
- com D. Frei Baltasar Limpo, sofreu uma grande descaracterização;
- na sequência da legislação pontifícia de 1568 e 1570, que, apesar da força unificadora da publicação do *Breviário* e do *Missal* romanos, permitia a manutenção dos costumes litúrgicos com mais de duzentos anos, as dioceses sufragâneas de Braga optaram, definitivamente, pela liturgia romana, sobrevivendo o costume de Braga, apenas na nossa Arquidiocese;
- algumas das notas mais características da liturgia bracarense são tardias e não são exclusivas de Braga, nomeadamente, as dimensões eucarística, mariana e a devoção ao Espírito Santo, que, no entanto, deverão ser incentivadas.

Este estudo do Prof. Doutor Joaquim Félix de Carvalho proporciona a todos os interessados um conhecimento objectivo sobre a origem e as vicissitudes do rito ou costume bracarense, através da História da Diocese e da própria Igreja, em períodos e momentos concretos, que nos deve estimular a um amor consciente do nosso passado colectivo, nas dimensões cultural e religiosa.

Já não há tempo para retomar as evocadas perturbações, de há uns quarenta anos, em torno do rito bracarense e das votações adversas de muitos sacerdotes, feitas sem verdadeiro conhecimento de causa.

Terminamos, por isso, afirmando que a grande experiência adquirida pelo Prof. Doutor Cónego Joaquim Félix de Carvalho durante a elaboração deste precioso estudo interdisciplinar acreditou-o como um excelente investigador, que será imensa pena se a acumulação de outros serviços – por mais importantes e urgentes que sejam – o desviarem, de forma sistemática, desta área específica de investigação.

E não hesitamos retomar as palavras com que encerrámos o prefácio inicialmente referido: – *Nesta obra, a Igreja de Braga e a Cultura Portuguesa têm um excelente motivo de grande satisfação e todos nós um exemplo de clarividente e aturada dedicação ao trabalho, sendo, por isso, devida uma palavra de louvor ao Autor, extensiva às Instituições que patrocinaram a sua realização e publicação.*

Braga, 29 de Junho de 2011.

JOSÉ MARQUES